

## VILA DOIS RIOS: RUÍNA E O PENSAMENTO VEGETAL

[VILA DOIS RIOS: RUIN AND VEGETAL THINKING]

**ANA TEREZA PRADO LOPES<sup>i</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-7582-6040>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Resumo:** A partir da Vila Dois Rios (Ilha Grande, RJ), onde está localizado o Parque Botânico do Ecomuseu Ilha Grande (PaB), que abriga a primeira coleção de plantas brasileiras organizada sob a forma de acervo ecomuseológico sob os cuidados da UERJ, o artigo explora a relação entre a noção de ruína, paisagem e arte contemporânea em diálogo com o conceito de “pensamento vegetal”, cunhado por Evando Nascimento. Outros autores, como Emanuele Coccia, Stefano Mancuso, Walter Benjamin e Anna Tsing, e artistas, como Frans Krajcberg, Robert Smithson, Ana Mendieta, estão presentes neste texto que pretende refletir sobre a importância dos seres vegetais e de seu papel no que chamamos vida.

**Palavras-chave:** plantas; paisagem; ruína; arte contemporânea

**Abstract:** From Vila Dois Rios (Ilha Grande, RJ), where the Ilha Grande Ecomuseum Botanical Park (PaB) is located and which houses the first collection of Brazilian plants organized as an ecomuseological collection under the care of UERJ, the article explores the relationship between the notion of ruin, landscape and contemporary art, dialoguing with the concept of “vegetal thinking”, coined by Evando Nascimento. Other authors, such as Emanuele Coccia, Stefano Mancuso, Walter Benjamin and Anna Tsing, and artists, such as Frans Krajcberg, Robert Smithson and Ana Mendieta, are present in this text, which aims to reflect on the importance of plant beings and their role in what we call life.

**Keywords:** plants; landscape; ruin; contemporary art

A Vila Dois Rios está localizada no Parque Estadual da Ilha Grande no município de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro. Acolhe uma das áreas de maior preservação da Mata Atlântica, constituída por grande biodiversidade, com diferentes tipos de espécies de plantas nativas e exóticas e de animais que se encontram num ecossistema rico e plural. Entre o mar e as montanhas, rios, manguezais, florestas e plantas junto às ruínas do passado-presente da história do Brasil, personagens humanos e não humanos coabitam o mesmo espaço em encontros inter/multiespécies.

Primeiros habitantes da Ilha Grande, os indígenas Tamoios deram ao lugar o nome de Ipaum Guaçu, isto é, Ilha Grande. Durante o reinado de Dom Pedro II, a área foi ocupada pela Fazenda Dois Rios, nome dado por sua geografia, pois dois rios, o da Barra Grande e o da Barra Pequena, desembocam no mar. Anos depois, com a abertura do presídio de segurança máxima Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM), muitos presos políticos na época da ditadura, como Graciliano Ramos, Madame Satã, entre outros, habitaram aquele lugar. Depois de cem anos de atividade, o presídio foi desativado. Sua implosão ocorreu em 1994, quando a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) recebeu o Termo de Cessão da área. Hoje, lá estão instalados o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS) e o Ecomuseu Ilha Grande (ECOMIG), que se distribui em quatro unidades básicas: Centro Multimídia, Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente e Parque Botânico. A floresta se destaca como local de abrigo para passagens e fugas, como provedora de alimento, testemunho, lazer, encontros, trocas, saber — e reinvenção, quando ainda hoje novas espécies são descobertas e outras são extintas. O Parque Botânico é local de conservação, território desenhado e planejado, habitado por diferentes espécies de plantas. São lugares de vida e de memória.

Embora a Ilha Grande contemple um importante remanescente de Mata Atlântica, com mais de mil espécies nativas já catalogadas na região, algumas estão ameaçadas de extinção. Muitas têm importância medicinal, alimentícia, madeireira, ornamental, entre outros usos. Ao longo de sua história de ocupação, muitas plantas foram introduzidas, e espécies exóticas, como a palmeira-real, a bananeira, o abacateiro, a jaqueira, têm sido apontadas como uma das principais ameaças à integridade dos ecossistemas naturais.

Entre bromélias, orquídeas, figueiras, samambaias, cavalo-marinhos, corais, peixes de água doce e de água salgada, insetos, sapos e outros, seres multiespécies encontram algum equilíbrio na Vila Dois Rios. No Parque Botânico do Ecomuseu Ilha Grande (PaB), encontra-se, além das ruínas da arquitetura do presídio, uma grande coleção de plantas nativas — a primeira coleção de plantas brasileiras organizada sob a forma de acervo ecomuseológico. Sobre restos de onde era o pátio do extinto presídio, estão sendo cultivadas plantas arbóreas, trepadeiras, palmeiras, entre outras, num espaço desenhado por paisagismo, rastros de tempos passados, mas que deixam vestígios, assim como em toda a Vila Dois Rios. Neste escrito, a ruína é pensada como paisagem em transformação contínua, ambiente de preservação, conservação e manutenção, continuidade da vida nesse e em outros espaços, com a presença do passado, presente e possibilidades do devir, evitando ou postergando o acontecimento da extinção de alguma espécie, fomentando a descoberta de novas vidas que habitam o planeta. Ruína como lugar de resistência, de vida. Ruína como campo de conexão de fragmentos, histórias, o que já foi, o que é e o que pode ser. Lugar de possibilidades, onde o mundo pode ser reconstruído, reimaginado, lugar de algo que colapsou, mas se mantém de pé, mesmo que não inteiramente, mesmo que em fragmentos de uma realidade, de um cotidiano reconstruído diariamente entre escombros, restos, sobras e que, deslocados, apropriados, organizados numa lógica arqueológica, arquivista, museológica, preservam a memória, a história e o ecossistema de um lugar. Através do plantio, do cultivo como arquivo, da preservação da floresta, onde procedimentos de montagem e colagem de paisagens vegetais e de suas particularidades e as relações sociais e históricas específicas estão para muito além do turismo feroz dos dias atuais, é importante pensar a ruína como paisagem sob ação de tempos não lineares, contínuos, concomitantes, onde passado, presente e futuro estão em contínuo vir a ser dialogando com o pensamento vegetal.



Imagem 1: Parque Botânico, Ecomuseu Ilha Grande, Vila Dois Rios, 2024.  
Fonte: fotografia da autora



Imagem 2: Parque Botânico, Ecomuseu Ilha Grande, Vila Dois Rios, 2024.  
Fonte: fotografia da autora



Imagem 3: Parque Botânico, Ecomuseu Ilha Grande, Vila Dois Rios, 2024.

Fonte: fotografia da autora



Imagem 4: Parque Botânico, Ecomuseu Ilha Grande, Vila Dois Rios, 2024.

Fonte: fotografia da autora

Além de alterarem a paisagem, pela ocupação planejada ou não planejada, no encontro com o local e seres que aí coabitam, humanos e não humanos, interferindo diretamente no espaço, no visível e no invisível, no micro e no macro, na harmonia e desarmonia entre vários seres convivendo, as plantas crescem e morrem, resistem, sobretudo, atuando colaborativamente — vida vegetal que surge na/da ruína, como condição de existência e criadora de uma “fitoescrita”, como escreve Evando

Nascimento. Em seu livro *O pensamento vegetal. A literatura e as plantas*, o autor faz uma defesa da vida e propõe uma fitoliteratura, uma fitoescrita, na qual as plantas são o personagem principal, mas na ideia de uma escrita vegetal que pressupõe não só estar em contato, mas conviver em cooperação com outras espécies. Em defesa do pensamento vegetal, o autor sugere um outro humanismo que envolva o pensamento da/com as plantas e fomenta a criação de uma linguagem vegetal. Segundo Nascimento, são cinco significações de “pensamento vegetal”: são cinco significações de “pensamento vegetal”: (i) o que pensam as plantas, o que a respeito delas pensam os (ii) humanos, (iii) os filósofos e cientistas, (iv) os escritores contemporâneos e também (v) as culturas indígenas e afrodescendentes. A noção de “fitografia” seria a ideia de uma escrita vegetal, como define o autor, “[...] uma escrita que se aproveita do rastro que as plantas deixam na terra, na água e no ar, para poder haurir a energia que nos permite sobreviver e, no limite da arte, sobreviver” (2021, p. 83). Nesse momento do livro, Nascimento escreve sobre a sua pesquisa e da possibilidade de o pensamento vegetal contribuir para uma revisão da história da arte, da história da filosofia e da história da literatura em razão “[...] de o tempo e o espaço da planta serem outros” e assim usufruirmos de algo que a planta nos oferece e que constitui um *anacronismo vegetal* (2021, p. 83).

No capítulo “Frans Krajcberg e o arquivo natural”, Nascimento aproxima natureza, plantas, artes plásticas e arquivo ao falar da produção desse artista, obra que nasce do trágico, da ruína, da perda, da condição de ser humano e de sua vivência pessoal na Segunda Guerra, nos campos de concentração e de sua relação com as queimadas e o desmatamento no Brasil. Escreve sobre a ideia de *febre de arquivo* ao distinguir dois tipos de arquivos em relação às plantas: os das espécies vegetais existentes como “arquivos vivos” e os que já desapareceram como “arquivos mortos”. Refere-se à palavra arquivo “em sentido literal e metafórico: o espaço de preservação da memória e o espaço em aberto de preservação das espécies viventes, em particular das espécies vegetais” (2021, p. 126). Refere-se a Krajcberg como um arquivista do hoje, o “poeta dos vestígios” (2021, p. 127), do presente, do rastro, da morte e da sobrevivência, do que permanece e sobrevive ao fogo, às queimadas, à destruição da floresta — um *ativismo artístico*, no qual documento e trabalho artístico se aproximam, segundo Nascimento. Em defesa da vida, como diz o próprio Krajcberg, esse artista visionário traz como questão em sua obra a sobrevivência da espécie humana.



Imagem 5: *Krajcberg queimada em Juruena 1984* – Foto Sepp Baenderec.  
Fonte: <https://envolverde.com.br/politica-publica/edicoes-sesc-sp-e-edusp-lancam-biografia-de-frans-krajcberg/>



Imagem 6: *A flor do mangue*.  
Fonte: <https://artsoul.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/events/1887/CIXpdwlv6VIE4vIja0nUuw06052022193920.webp>

Uma das questões fundamentais na obra de Walter Benjamin é a ruína como paradigma da civilização moderna que envolve o prelúdio de um fim, expresso nas ideias de história, alegoria e obra de arte. Ao comentar o quadro *Angelus Novus* de Paul Klee, Benjamin traz a imagem da história, do anjo que tenta escapar da tempestade do

progresso, de tempos de acúmulos de catástrofes e de testemunho da ascensão do fascismo. Mundo criado por ruína sobre ruína.

A antropóloga norte-americana Anna Tsing deixa de lado a oposição clássica de natureza e cultura e escreve sobre lugares onde diferentes personagens dialogam atuando e contribuindo coletivamente na composição de uma paisagem específica, tendo como personagem principal os cogumelos. Nas primeiras páginas de *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* (2019), a autora escreve como o mundo está ocupado por ruínas e como lugares podem ser ativados e (re)animados, lugares abandonados que são habitados por vidas, seres multiespécies e multiculturais. Segundo Tsing, resta-nos procurar vida nas ruínas e lidar com a sua precariedade junto às paisagens multiespécies com seus personagens humanos e não humanos e seus possíveis encontros, dando visibilidades a relações sociais e históricas.

Em 2022 e no início de 2024, quando fui à Vila Dois Rios acompanhada de estudantes do Instituto de Artes da Uerj (IART) para uma visita de campo, lembrei-me do artista americano Robert Smithson e de suas fotos do Hotel Palanque onde se hospedou e ao qual retornou numa viagem às ruínas Maias da cidade que dá nome ao hotel no México. Anos mais tarde, Smithson faz uma apresentação das fotos do hotel abandonado a estudantes da Universidade de Utah, criando uma ficção, fabulando sobre o lugar. Nas imagens, escombros da construção tomados por plantas, a piscina vazia, os espaços sem ninguém, vestígios do que algum dia havia sido vivenciado ali. Numa passagem de “Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey”, texto-ensaio fotográfico de Smithson, ao citar a imagem da pintura “Paisagem alegórica”, de Samuel Morse, publicada no jornal que lia no ônibus durante o percurso até a cidade de Passaic, o artista indica a vida passageira, em ruínas, em mutação, em que lugares são impactados pela industrialização e por ações extrativistas — mundo que se desfaz cada vez mais velozmente, em estado de desarmonia entre os seres. Movido pela entropia, força motriz da obra desse artista, Smithson lida com paisagens construídas e imaginadas que convivem num território em constante transformação, impregnado de diversos momentos da história, como em Vila Dois Rios, onde tempos passados e presentes se justapõem em contínuo devir.



Imagem 7: Slides apresentação de Robert Smithson na Universidade de Utah “Hotel Palenque” (1969–72).

Fonte: <https://holtsmithsonfoundation.org/robert-smithson-hotel-palenque-1969-72e>

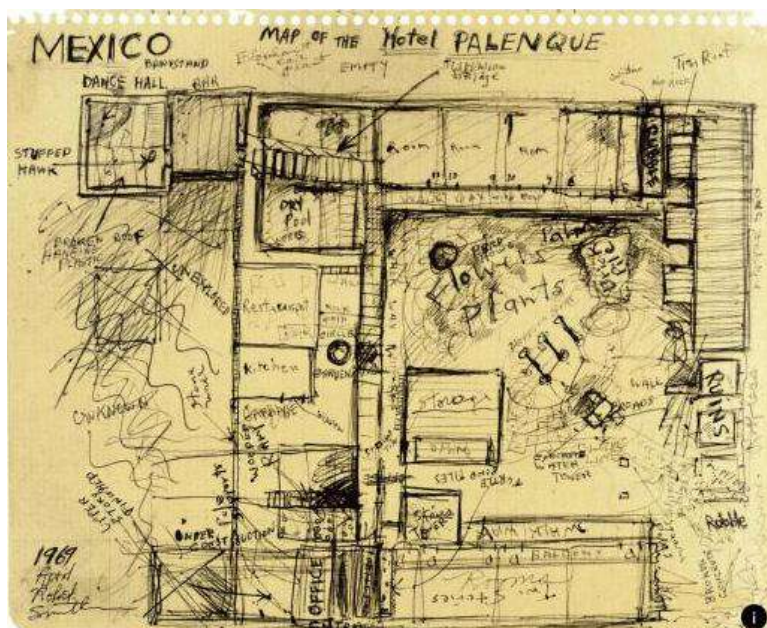


Imagem 8: Slides apresentação de Robert Smithson na Universidade de Utah “Hotel Palenque” (1969–72)

Fonte: <https://holtsmithsonfoundation.org/robert-smithson-hotel-palenque-1969-72e>

Enquanto Smithson cria fabulações a partir de lugares remotos para onde ele viaja, apropriando-se e deslocando-se de temporalidades e materialidades, Ana Mendieta usa o próprio corpo na criação de paisagens — corpo desterritorializado em busca de retorno. Nascida em Cuba, Mendieta é levada aos doze anos com sua irmã para os Estados Unidos

como refugiada, numa operação do governo americano. É na extrapolação da escala de medidas de seu corpo que o trabalho acontece, estando em relação ao seu entorno num primeiro momento, pois o que antes era o “fora” passa a pertencer ao corpo da artista e vice-versa. O corpo-paisagem da artista se funde a terrenos, rios, plantas, árvores. O retorno à mãe natureza é essencial no processo de Mendieta, que parte em direção a lugares distantes dos centros urbanos, indo ao encontro de seres vegetais e animais, transmutando-se neles ou apropriando-se de seus modos de ser. Trabalhando muitas vezes com materiais naturais encontrados em lugares onde realizou as performances, Mendieta torna-se uma extensão do próprio ambiente onde esteve, um ser híbrido feito de pele, barro, penas, flores, por vezes aparecendo nas imagens, registros de suas performances em ambientes naturais, um corpo-presença, por vezes modulando o terreno encontrado, um corpo-molde, deixando o seu desenho e volume no vazio formado junto à matéria, numa busca de restabelecer laços com o universo, segundo a própria artista.



Imagem 9: *Árvore da vida*, 1976.

Fonte: <https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep210-ana-mendieta>



Imagem 10: *Imagen de Yagul*, 1973.

Fonte: <https://alisonjacques.com/news/ana-mendieta-23>



Imagem 11: Sem título (Sangue e penas), 1974.

Fonte: <https://www.modusoperandipodcast.com/episodios/ep210-ana-mendieta>



Imagem 12: Sem título (Série Silhuetas), 1973–8.  
Fonte: <https://revistausina.com/2016/12/25/ana-mendieta-siluetas/>

Faz parte da vida a coexistência de seres, qualidades e particularidades em paisagens multiespécies onde as plantas são personagens fundamentais. No capítulo “Por uma filosofia da natureza”, em *A vida das plantas. Uma metafísica da mistura*, Emanuele Coccia escreve que conhecer as plantas significa compreender o “estar-no-mundo”. Para esse autor, a vida das plantas é uma cosmogonia em ato, a gênese constante de nosso cosmos. Numa outra publicação, o artigo “A virada vegetal”, Coccia escreve sobre a necessidade de abandonar o protagonismo da zoologia sobre a botânica e de uma mudança radical que já está em curso, graças a cientistas pioneiros, como Stefano Mancuso, que fazem da botânica uma espécie de “metafísica da vida”, criando uma “identidade entre vida e pensamento.” Segundo Coccia, plantas se definem, acima de tudo, por sua capacidade de dar vida a outros organismos produzindo atravessamentos contínuos em corpos, formas, matérias, tempos e espaços. Em seu livro *A revolução das plantas*, Mancuso escreve que as plantas são capazes de aprender e memorizar, como no subcapítulo “Planta não tem memória curta”, quando escreve sobre os testes de cientistas, como Jean-Baptiste de Lamarck, o pai da biologia, com a *Mimosa pudica*, ou dormideira, como é mais conhecida no Brasil. Nos experimentos, a planta reagia aos estímulos, apresentando comportamento de adaptação e mostrando armazenamento de informações.

“Mesas” (1995), instalação do artista Nelson Felix, traz dormideiras sob uma das seis mesas de granito de medidas idênticas, 70 x 70 x 70 cm, expostas na galeria. Pendurada com cabo de aço, sem tocar o chão, a mesa provoca as plantas dormideiras a reagirem ao levemente tocá-las num movimento pendular impulsionado pela gravidade. Sendo tocadas ao acaso por esse objeto, as dormideiras se fecham. Num aproximar e afastar, as dormideiras se abrem e se fecham no encontro com a mesa. Plantas sensitivas, trazem o seu próprio ritmo ao reagirem ao estímulo do toque da mesa. Provocadas, mudam seu comportamento. Num contato sutil, criam um outro momento, instaurando uma pausa em nossa percepção — uma suspensão e uma distensão de tempo concomitantes. O contraste entre a robustez da mesa, do cabo de aço tensionado e a delicadeza das dormideiras adiciona sensibilidade à situação. Cria-se um estado de atenção, de algo que pode acontecer, mas não sabemos quando, ou o quê.

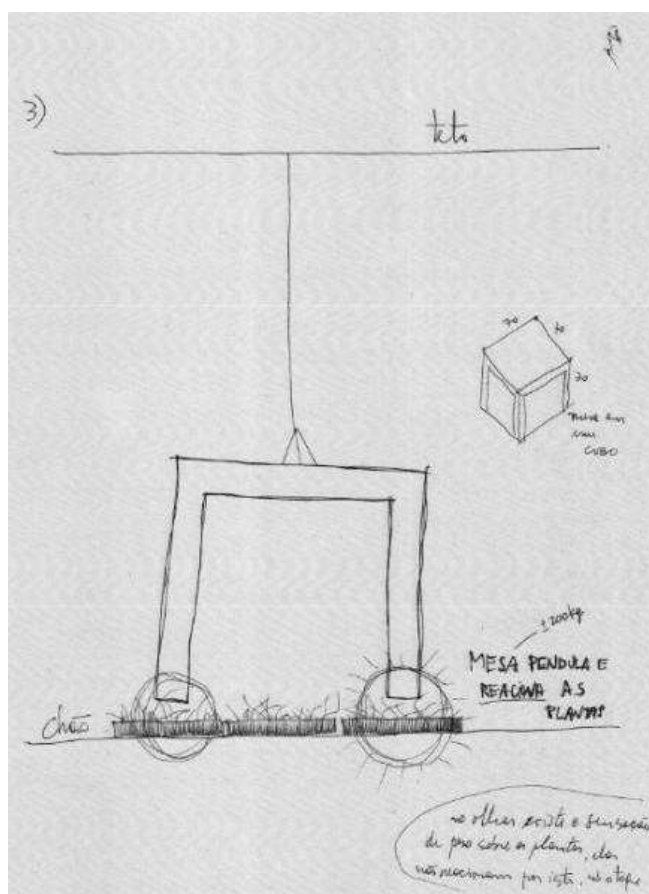


Imagem 13: *Mesas*, 1995.

Fonte: [https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510851\\_08\\_cap\\_03.pdf](https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510851_08_cap_03.pdf)



Imagem 14: *Mesas*, 1995.

Fonte: <https://nelsonfelix.com.br/obras/projetos/mesas/>

O pensamento vegetal de Evando Nascimento e o pensamento ruína de Walter Benjamin e de Anna Tsing trazem plantas e ruínas como resiliência, resistência à velocidade do mundo hoje e defesa dos ciclos naturais e do convívio das materialidades do passado e do presente, engendrando possibilidades de futuro presentes nas obras de Frans Krajcberg e de Robert Smithson. É pensar a planta como um ser único, mas em colaboração com outros, viventes e não viventes, transformando a paisagem, possibilitando a vida de outras espécies e de estar em relação num ecossistema que interage com o passado e possivelmente vislumbra o futuro. Abre-se uma pausa no mundo capitalista globalizado. Não é o tempo da imagem rasa, fugaz no nosso dia a dia da superfície do celular, mas do acúmulo, da sobreposição, da coexistência de temporalidades, da tessitura de momentos, da sustentabilidade, em amplo sentido, de possíveis equilíbrios, de encontros fomentados pelo convívio num mesmo território, num mesmo lugar compartilhando o tempo, os afetos, a vida, participando dos ciclos e processos individuais e coletivos.

Em Vila Dois Rios, os seres vegetais ocupam lugares no ontem e no hoje, atualizando o que ali aconteceu e fomentando a imaginação nesse ir e vir temporal. Fragmentos de paredes cobertas por plantas, partes de velhas máquinas quebradas, restos

de grades enferrujadas são indícios do que um dia foi o presídio. Culturas distintas e entrelaçadas das espécies de fauna e flora que aí se encontram tecem tempos de momentos históricos diferentes sobre um mesmo terreno. Seres de diferentes espécies participam do pensamento ecológico constituinte dessa paisagem e, colaborando entre si com as suas particularidades, envolvem uma memória coletiva de múltiplos tempos, textos e materialidades desse lugar e de alhures. Entre manguezais, praia, mar, rios, cachoeiras, a floresta, a restinga, a interação intra/interespecie possibilita a manutenção e criação de modos de vida, a preservação de patrimônio histórico-cultural atuando no plantio de um ambiente colaborativo com a presença de relações interespecies. Nas ruínas em que vivemos, as reinvenções de arquiteturas, valores, seres e afetos são possibilidades de modos de conviver que vão contra a aceleração desenfreada do mundo e do descaso dos tempos egóicos do capitalismo atual num apelo ao direito à vida.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. *Obras escolhidas*. Vol. 1. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Tradução: Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, Emanuele. A virada vegetal. *Calibán: Revista Latino-Americana de psicanálise*, Montevideu, v. 18, e. 1, p. 218–222, 2020.

I SIMPEEX CEADS: I Simpósio de Pesquisa, Ensino e Extensão do CEADS, Rio de Janeiro, 2024. *Livro de resumos*. Organização: Helena de Godoy Bergallo. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

MANCUSO, Stefano. *A revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. Tradução: Pedro Sussekind; Revisão técnica: Cecília Cotrim. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 161–167, 2009.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas*: paisagens multiespécies no Antropoceno. Tradução: Thiago Mota Cardoso *et al.* Brasília: IEB Mil Folhas, 2023.

*Recebido em: 07/05/2025*

*Aceito em: 22/05/2025*

---

<sup>i</sup> **Ana Tereza Prado Lopes** é Professora Adjunta do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora, artista plástica e curadora. Graduada em artes visuais pela École Supérieure D'Art Visuel (ESAV). Tem especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil e formação em tradução inglês-português, PUC-Rio. Doutora e mestre em artes visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes (PPGAV/EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). **E-mail:** anatarezapl@hotmail.com